

DANÇA INCLUSIVA E GRUPO DANÇANDO COM A DIFERENÇA: PERCEPÇÕES DE MUDANÇA NOS BAILARINOS

Carolina Silva & Ana P. Antunes

Universidade da Madeira – Funchal/Portugal

acarolpsilva@gmail.com / aantunes@uma.pt

Numa sociedade cada vez mais atenta à diversidade e à igualdade de oportunidades importa a reflexão e análise das práticas de inclusão nos vários contextos de actuação e de inserção do indivíduo com necessidades (educativas) especiais. Neste trabalho temos como objectivo principal conhecer as percepções que os vários intervenientes num grupo de Dança Inclusiva – *Grupo Dançando com a Diferença* (GDD), existente na ilha da Madeira (Portugal), têm acerca das mudanças operadas na vida dos 12 bailarinos (com e sem necessidades especiais) que formam o grupo. Nesse sentido, pretendendo compreender o significado que os elementos do grupo atribuem à experiência de participação no GDD, adoptou-se uma metodologia qualitativa, realizando cinco *focus groups* contemplando bailarinos, equipa técnica e, num dos grupos, encarregados de educação, e uma entrevista individual ao Director Artístico. A análise de conteúdo das entrevistas (de grupo e individual), permite perceber a importância atribuída à participação no grupo, reflectida na construção de categorias relacionadas com a dança, a inclusão e aspectos idiossincráticos. Terminamos comentando de que forma a Dança Inclusiva, que pressupõe a qualidade artística ao nível da Dança colocada a favor da mudança da imagem social das pessoas com necessidades especiais, parece acontecer neste grupo em concreto.

Introdução

Na procura da realização da inclusão e das formas que a podem facilitar introduz-se a questão de como a arte pode ser um contributo a este movimento. A esse propósito começam a surgir experiências de intervenção junto de pessoas com necessidades especiais, recorrendo à realização artística, aparecendo como estratégias de Inclusão reconhecidas pelas Normas de Equiparação de Oportunidades para Pessoas com Deficiência, que introduzem a cultura e a arte como facilitadoras da Inclusão (Organização das Nações Unidas, 1995).

Em termos de investigação alguns estudos vêm demonstrando os contributos da Dança ao nível da qualidade de vida das pessoas com necessidades especiais em vários domínios (físico, sensorial, cognitivo e emocional), ou mesmo na concretização de patamares mais altos de inclusão social. Por exemplo, Zuchetto (s.d.) conclui que se pode considerar a Dança como facilitadora do desenvolvimento cognitivo, motor e afectivo da pessoa com deficiência visual. A nível cognitivo, a Dança contribui para o desenvolvimento da criatividade, do pensamento crítico e, ainda, da memorização. Na área motora, a Dança desenvolve as

habilidades físicas básicas (ritmo, equilíbrio, coordenação e flexibilidade), bem como as percepções cinestésicas (esquema corporal, lateralidade e organização espacial) e sentidos sensoriais (audição e tacto). No âmbito afectivo/social, a Dança proporciona o desenvolvimento de confiança, auto-estima, auto-valorização, reconhecimento de capacidades, independência de movimentos, desinibição e colectividade.

Considerando os contributos da Dança direccionados para a pessoa com deficiência motora, Simonassi (2000) refere que esta modalidade artística pode trazer benefícios tanto físicos quanto psíquicos e que, aliada a outras áreas, contribui para a melhoria da qualidade de vida, sendo que, quando apresentada de forma artística, a Dança pode ainda contribuir para a diminuição de preconceitos. Aliás, os significados que os bailarinos atribuem à Dança também merecem atenção dos investigadores, pois pode encontrar-se a emergência de transformações ocorridas nos próprios indivíduos (bailarinos com lesão medular) e na sua relação com o meio que os rodeia (Vieira, 1997). Noutro caso, referente aos significados da Dança para a pessoa com deficiência motora, esta é apontada como veículo para a comunicação não-verbal, possibilitando a compreensão do discurso dos sentidos, significados pelo corpo (Ferreira, 1998).

No âmbito da deficiência motora, Bertoldi (2004), afirma que é imprescindível que crianças com deficiência motora ganhem autonomia para solucionar problemas através dos movimentos, competência que é dificultada, no entanto, pelo seu inadequado desenvolvimento da percepção corporal. O autor concluiu que a promoção da percepção corporal traz melhorias ao nível da aquisição e retenção da aprendizagem. Estas conclusões indicam que o trabalho ao nível da percepção corporal - conseguido igualmente através da Dança - contribui para a qualidade de vida das crianças com deficiência motora.

Interligando o corpo, a Dança e a pessoa com deficiência, Santos e Coutinho (2008) e Santos (2008) referem a predominância tanto na literatura consultada, como nas actividades de Dança em instituições que prestam serviços a pessoas com deficiência, de uma “racionalidade cartesiana”, na ideia que o corpo dito não normal é visto como um corpo com limitações intransponíveis. Neste sentido, a Dança é vista apenas como veículo ou instrumento de reabilitação, recreação, acção pedagógica e terapêutica, que tem como ponto de referência o corpo sem limitações. Santos (2008) procurando combater essa ideia, apresenta alternativas que permitam ir além da experiência lúdica e sensorio-motora, no sentido do envolvimento artístico e criativo da singularidade de cada pessoa e da sua relação com o meio. Mas outros autores propõem também diferentes linhas de actuação. Por exemplo, o apoio terapêutico, por contraponto aos objectivos artísticos e estéticos, surge como ponto fulcral na aplicação da Dançoterapia às necessidades especiais, ainda que esta esteja pouco implementada (B. Teixeira, 2009). Na opinião de Barnabé (2001), a Dança deve ser vista não como treino mas como processo, distinto para cada indivíduo e abrangendo-o na sua totalidade, uma vez que a Dança transcende o espaço da prática, transformando o corpo num instrumento de expressão, tanto no palco quanto no dia-a-dia, independentemente da lesão ou comprometimento.

Colocando a tónica nos contributos da Dança na Deficiência Intelectual, Garcia (2009) estudou um grupo de dança oriental, com bailarinas com esta deficiência, utentes de uma associação, procurando compreender

o significado do seu comportamento e as suas racionalidades associadas à participação no grupo. As suas conclusões referem que as percepções das utentes, família, monitores, auxiliares e técnicos indicam que a intervenção no âmbito da dança oriental responde às necessidades da população atendida, possibilita uma melhoria ao nível da construção da sua identidade e inserção na comunidade, bem como, pela reciprocidade, propicia a sensibilização da comunidade para a temática das necessidades especiais.

À luz da ideia de Dança como arte simbólica e de acção cultural, mas também como modalidade desportiva, Maciel, Camargo e Júnior (2009) referem-se à prática da Dança com pessoas em cadeiras de rodas. Identificou-se a Dança como colaboradora no sentido do crescimento social e, por acréscimo, auxiliar à inclusão social, ou seja, os autores concluíram que a Dança no seu todo, contribui para uma melhor qualidade de vida (aspectos físicos, sociais, mentais e emocionais) desta população.

Amoedo Barral (1996), estudando as alterações corporais advindas de lesão medular traumática, propõe a Dança como solução e apresenta, através desta, uma nova forma de vivenciar o corpo. O autor, partindo da ideia que um corpo fora de padrão influencia no relacionamento social e vivência da sexualidade, refere que o contacto com a realidade através do corpo, na Dança, tem repercussões ao nível da auto-estima, da aceitação corporal, do contacto com o próprio, contribuindo para o processo de reabilitação e inserção social.

Procurando compreender como a Dança pode efectivamente ajudar no desenvolvimento das pessoas com necessidades especiais, bem como na sua inclusão social, contrariando o mito de que as pessoas com necessidades especiais não viabilizam ou não são capazes de traçar planos artísticos, A. Teixeira (2010) salienta que o papel do “corpo deficiente na cena artística” (p.1) tem vindo a fazer um percurso, indo além do modelo institucional de inclusão. Tem reivindicado não só espaços de criação cénica, mas também o acesso ao mercado de trabalho na área das artes.

Colocando, assim, a tónica na Dança Inclusiva e na sua vertente de performance artística, Amoedo Barral (2002b) refere que é fácil vislumbrar contextos educacionais ou terapêuticos, ao observar a inclusão de pessoas com necessidades especiais no universo cénico desta arte. No entanto, o contexto da performance artística revela-se ainda relativamente novo e com a necessidade de uma maior compreensão. Nesse sentido, numa investigação sobre duas companhias de Dança que incluem pessoas com deficiência motora no seu elenco e que actuam no âmbito da Dança Inclusiva em contexto artístico, o autor verificou que é o contexto artístico o principal factor eleito pelos dois grupos estudados. Não obstante as características específicas de cada companhia, a sua génese e percurso, ambas destacam ser a Dança uma forma de expressão de natureza artística, onde se valoriza o produto e onde o facto de os bailarinos terem ou não deficiência motora não aparenta ter influência na forma como entendem as áreas prioritariamente trabalhadas.

Na Região Autónoma da Madeira (RAM), por sua vez, a importância dada à Arte na intervenção com a população com necessidades especiais é crescente, a partir de finais da década de 80, inicialmente numa perspectiva terapêutica, lúdica ou recreativa. Mais tarde assume a vertente de performance artística, preconizada pelo Projecto Dançando com a Diferença (Pereira, 2007a, 2007b). Este projecto, nascido na

Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação (DREER), da Secretaria Regional de Educação e Cultura (SREC), desenvolve o seu trabalho, actualmente na Associação dos Amigos da Arte Inclusiva – Dançando com a Diferença (AAAIDD) tendo como máxima a mudança da imagem social da pessoa com deficiência, através da Dança, conceptualizada pelo termo Dança Inclusiva. Este conceito, integra os pressupostos da bilateralidade de responsabilidades relativas à inclusão descritos por Sasaki (1995) e o pressuposto que a Dança, apresentada artisticamente, pode ajudar a diminuir preconceitos, sem que, ao longo do processo, se descurem o apoio terapêutico e educacional (Amoedo Barral, 2002b).

A face mais visível deste projecto é o Grupo Dançando com a Diferença (GDD), que integra no seu elenco bailarinos com e sem necessidades especiais, com um histórico de quase dez anos de existência. Encontra-se aqui um campo de investigação considerado privilegiado para analisar o impacto que um grupo com estas características pode ter ao nível da inclusão. Aliás, partindo do objectivo de reflectir sobre os discursos de exclusão e inclusão social da pessoa com necessidades especiais no GDD, Silva (2010) fez o cruzamento entre estes e o fenómeno descrito por Dança Inclusiva, concluindo que o grupo desenvolve, no seu seio, não só culturas inclusivas, bem como métodos de trabalho que focam tanto a inclusão quanto a minimização de preconceitos associados a esta população.

Neste trabalho, partindo de um estudo mais alargado realizado no âmbito de uma tese de mestrado, pretende-se compreender o significado que os elementos do GDD atribuem à experiência de participação no grupo, através das mudanças percebidas nas suas vidas motivadas pela participação no mesmo.

Metodologia

Participantes

Neste estudo participaram todos os elementos do GDD (bailarinos, equipa técnica e Director Artístico) à excepção de uma bailarina. Assim, temos um grupo de 12 bailarinos (cinco elementos do género masculino e sete do género feminino), cuja média de idades é de 28,3 anos ($DP=10,22$), sendo que o mais novo dos elementos tem 16 anos e o mais velho tem 46 anos. O grupo de participantes é constituído cinco bailarinos sem necessidades especiais e sete com necessidades especiais, ou seja, um apresenta Desordem por Hiperactividade e Défice de Atenção (DHDA), outro tem deficiência visual (cegueira), dois apresentam deficiência motora e três apresentam deficiência intelectual (Trissomia 21). Deste grupo de bailarinos, cinco acumulam outras funções na AAAIDD (três dão aulas de Dança aos grupos secundários e três ocupam cargos nos órgãos sociais da AAAIDD).

Os quatro elementos da equipa técnica apresentam uma média de idades de 47,0 anos ($DP=16,60$), tendo o mais novo 32 anos e o mais velho 64 anos de idade. Um sujeito é do género masculino e três do género feminino. Assumem, entre si, funções pelas quais trabalham e acompanham directamente o GDD.

O Director Artístico, do género masculino, tem 40 anos. Iniciou o seu trabalho ao nível da Dança Inclusiva no Brasil, mas, desde 2001, desenvolve na Madeira, o que começou por ser o Projecto Dançando com a Diferença e actualmente é a AAAIDD, da qual faz parte o GDD.

Instrumentos

O *focus group* é aplicado a esta investigação com o objectivo de conhecer as percepções dos elementos do GDD de forma a avaliar o impacto do grupo, funcionando como gerador de hipóteses sobre o próprio impacto a partir da perspectiva dos informantes (Borges & Santos, 2005). A escolha deste instrumento de recolha de dados parece adequada não só pela economia de tempo, mas também pela possibilidade de gerar uma grande quantidade de dados de uma pluralidade de pessoas e ainda de tornar possível a observação da dinâmica do grupo que é entrevistado (Fontana & Frey, 2005; Kambarelis & Dimitriadis, 2005). No entanto, ainda que a discussão possa tornar rico o *focus group* foi tido em conta, na sua realização, que de uma entrevista se trata e não de uma sessão terapêutica, como sublinha Patton (1990).

Realizaram-se *focus groups* junto de bailarinos, encarregados de educação (e bailarinos com deficiência mental) e equipa do GDD, seguindo-se um guião semi-estruturado de forma a evitar a dispersão dos assuntos e direccionar as questões para o objectivo do estudo. Pretendeu-se explorar a motivação para pertencer ao GDD, a inclusão dentro e fora do GDD, o trabalho levado a cabo pelo GDD, as mudanças efectivadas na vida de cada um sob a influência de participação no GDD e ainda os significados atribuídos ao GDD. Além disso, partindo dos mesmos princípios, realizou-se uma entrevista individual ao Director Artístico organizada por guião semi-estruturado.

As sessões de grupo foram registadas em áudio e vídeo, com as devidas autorizações dos participantes. A entrevistadora procurou ser empática e facilitar a comunicação no grupo, procurando não condicionar as respostas dos entrevistados. Aliás, Borges e Santos (2005) afirmam que é comum que diminua a interacção entre o facilitador e os membros do grupo devido à interacção entre os participantes do grupo, o que minimiza a influência do investigador no decorrer da entrevista.

Procedimentos

Mediante um trabalho cíclico de reflexão e acção nas diversas fases de investigação, apresenta-se nesta secção como a ida para o terreno se operacionalizou e se executou a parte empírica calendarizada.

Foi realizada uma apresentação do projecto de investigação à Direcção da AAAIDD e foram explicados os objectivos gerais do estudo. Uma vez autorizada a realização do estudo foram então ultimadas as questões logísticas e de calendarização associadas à concretização do estudo. Criadas as condições para a recolha de dados procedeu-se à avaliação do impacto do GDD operacionalizada pela implementação dos *focus groups*, com os bailarinos do GDD. Foram realizados quatro *focus groups*, acompanhados de gravação vídeo e áudio, sendo aleatória a selecção dos elementos presentes em cada grupo, à excepção das três bailarinas com

deficiência intelectual. Considerou-se que a junção destes três elementos permitiria a utilização de uma outra abordagem ao longo da entrevista e considerar uma eventual segunda entrevista, na presença dos encarregados de educação, que se veio a efectivar. A selecção dos participantes deu-se em função da homogeneidade de características e de representarem o grupo em estudo (Borges & Santos, 2005).

Numa perspectiva de acção e reflexão, considerou-se pertinente a realização de um *focus group* com a equipa técnica (dado o envolvimento existente entre a mesma e os bailarinos), e de uma entrevista individual com o Director Artístico da AAAIDD, promotor do Projecto desde o seu início. Este último elemento não foi inserido em nenhum *focus group* de forma a impedir possíveis enviesamentos por desejabilidade social, bem como, permitir uma linha de perguntas direccionadas tendo em conta que este elemento é o promotor do grupo.

Tanto os *focus groups* quanto a entrevista individual foram transcritos, com o auxílio do suporte audiovisual, seguindo-se a análise dos dados. A grelha de análise de conteúdos partiu da literatura consultada e das sucessivas leituras do material empírico, e conseqüente questionamento do mesmo, permitindo a emergência de unidades de significado, às quais se denominaram categorias e subcategorias (Bardin, 2008).

Apresentação dos Resultados

Os dados obtidos através dos *focus groups* e entrevista foram interpretados à luz da análise de conteúdo qualitativa, considerando-se que este método é adequado para o estudo, uma vez que se pretendem analisar os pontos de vista, opiniões e experiências subjectivas dos participantes (Bardin, 2008; Flick, 2005).

No âmbito deste estudo considera-se, apenas, o tema referente à percepção de mudança na vida dos elementos do GDD. Após análise e interpretação do material recolhido, construíram-se três categorias gerais: *Dança* (aspectos relacionados com a dança), *Inclusão* (aspectos relacionados com a inclusão) e *Idiossincrasias* (aspectos relacionados com a especificidade do indivíduo), que se encontraram em todos os *focus groups* em estudo e que traduzem os grandes pontos de percepção de mudança, variando, contudo, as subcategorias emergentes consoante o grupo em análise.

Mudanças Percepcionadas na Vida dos Bailarinos, pelos Próprios e Encarregados de Educação

Considerando as mudanças percepcionadas na vida dos bailarinos, pelos próprios e encarregados de educação perfazendo quinze entrevistados, encontramos as categorias *Dança*, *Inclusão* e *Idiossincrasias*. Dentro da categoria *Dança*, encontram-se as subcategorias: *Competências / Conhecimentos* (6), em afirmações como “flexibilidade, resistência ao esforço, mais consciencialização dos movimentos”; *Oportunidade Profissional / Artística* (5), com respostas ilustradas por “experiências com coreógrafos (...) crescimento como artista”; e *Notoriedade* (2), com frases como “somos figuras públicas”.

A categoria *Inclusão* integra as subcategorias *Competências* [*Competências organizacionais* (7) com respostas do tipo “cumprir horários, tentar seguir um calendário”; *Competências Pessoais e Sociais* (6) referenciada em frases como “normas de convivência de grupo”; e *Competências Académicas* (1) apenas com a resposta referindo-se a “linguagem (...) o português”] e *Concepções* (4) ilustrada em “Mudou a minha visão sobre deficiência”.

Na categoria *Idiossincrasias* encontram-se as subcategorias: *Enriquecimento Pessoal* (8) ilustrada por “cresci, maturidade” ou “enriquecimento”; *Oportunidade Pessoal e Social* (6) em frases como “se não fosse o GDD eu não era o que sou!”; e *Disponibilidade Condicionada* (2) exemplificada em “marcação de férias”.

Mudanças Percepcionadas na Vida dos Bailarinos, pela Equipa do GDD

Considerando agora as *Mudanças percepcionadas na vida dos bailarinos*, pela equipa do GDD, constituída por cinco elementos, encontramos as mesmas categorias gerais, referidas anteriormente, mas menos subcategorias em cada uma delas.

No que diz respeito à categoria *Dança*, emergiram duas das mesmas subcategorias, pois encontramos referências a *Competências / Conhecimentos* (3) em afirmações como “a nível técnico eu destaco”; e a *Oportunidade Profissional / Artística* (2) em frases como “alguém que aproveitou as oportunidades que teve artisticamente”.

Na categoria *Inclusão* identificam-se também menos subcategorias na percepção dos técnicos em relação à percepção dos bailarinos e encarregados de educação. Emergiram as subcategorias de *Competências Organizacionais* (5) como, por exemplo, “hoje em dia anda sozinha de autocarro”; e *Competências Pessoais / Sociais* (5), entre elas, “hoje em dia (...) tem orgulho de quem é”.

Na categoria *Idiossincrasias* emergem as subcategorias *Enriquecimento Pessoal* (4) ilustrada por “ele encontrou um rumo na vida dele”; e *Oportunidade Pessoal / Social* (2) numa frase como “Ele agarrou (...) na altura certa, na hora certa”.

Mudanças Percepcionadas na Vida dos Elementos da Equipa do GDD, pelos Próprios

Procurando as *Mudanças percepcionadas na vida dos elementos da equipa do GDD*, pelos próprios elementos da equipa, constituindo um grupo de cinco pessoas, verifica-se que menos subcategorias emergem no total, quando comparadas com os resultados anteriores, apesar de estarem presentes as três categorias gerais.

Relativamente a *Dança* encontra-se a subcategoria *Oportunidade Profissional / Artística* (2) em respostas como “foi através de convite”, e a subcategoria *Competências / Conhecimentos* (2) em frases como “era coisa que eu não dominava (...) é a área que realmente me motiva e que tenho estudado e tenho feito alguns cursos”.

Na categoria *Inclusão* encontra-se apenas a subcategoria *Concepções* (2) exemplificada em palavras como “um grande desafio, como é que eu vou dar as coisas, mas eu estou lá até agora, portanto correu bem”.

Finalmente, na categoria *Idiosincrasias*, apenas se encontra a subcategoria *Oportunidade Pessoal / Social* (1) afirmando que “houve um género de (...) quem fazia o quê e eu fiquei”.

Discussão dos Resultados e Conclusões

Nos resultados obtidos através dos *focus groups* e entrevista, referentes às *mudanças na vida dos elementos*, as percepções dos participantes permitem referir alterações em aspectos relativos à *Dança*, relativos à *Inclusão*, bem como a aspectos *Idiosincráticos*, ou seja, aspectos pessoais e peculiares dos indivíduos.

No que se refere aos aspectos relacionados com a *Dança* são percebidas alterações nos bailarinos relativamente a *Competências / Conhecimentos*, *Oportunidade Profissional / Artística* e ainda *Notoriedade*, revelando percepção de capacidade artística, ao encontro do que diz Simonassi (2000) quando refere que a Dança, ao ser apresentada de forma artística também contribui para a diminuição de preconceitos. Assim melhor se entende que só um produto com excelência artística poderá contribuir para uma real mudança da imagem social das pessoas com necessidades especiais (Amoedo Barral, 2002b). Saliente-se que a *Notoriedade* apenas aparece nas percepções pessoais dos bailarinos (e dos encarregados de educação), podendo traduzir uma percepção subjectiva e pessoal do reconhecimento público do seu desempenho.

Do ponto de vista da equipa a *Oportunidade Profissional / Artística*, traduz-se no sentido de trabalhar com um grupo de bailarinos com e sem deficiência, considerados um “desafio” profissional. Por outro lado, encontraram-se também referências ao aumento de *Competências / Conhecimentos* técnicos e artísticos, uma vez que surge o interesse por uma área, através do trabalho com o GDD, havendo ainda referência ao equilíbrio ou suporte sentido pela oportunidade de participação no trabalho com o GDD.

Avançando na análise dos aspectos relativos à *Inclusão*, os bailarinos e encarregados de educação percebem alterações ao nível das *Concepções*, do seu pensamento sobre a inclusão e a deficiência, quando afirmam que “Mudou a minha visão sobre deficiência (...) passei a (...) lidar com naturalidade” ou mesmo “Trabalhar com pessoas com deficiência há 10 anos atrás, eu não punha essa hipótese. (...) Fiz uma evolução e já não me faz confusão”. Entra então a bilateralidade inerente à inclusão social, em que a pessoa com necessidades especiais assume um papel – bailarino – na sociedade, e esta adapta-se para o receber (Sasaki, 1997). Dessa forma, se podem ler as percepções de mudança ao nível das *Competências (Organizacionais, Pessoais/Sociais e Académicas)* decorrentes da participação no GDD, reconhecidas pelos bailarinos e pela equipa, como facilitadoras da *Inclusão*, ou seja, o sujeito proactivo, agente, da sua própria *Inclusão*. Contudo, ao analisarmos as mudanças operadas na vida da equipa técnica verificamos que, os participantes, remetem para mudanças de pensamento, mudanças nas *Concepções* sobre a *Inclusão*. É

relevante esta constatação uma vez que é em conjunto com a equipa que se deverá trabalhar no sentido da horizontalidade do atendimento referida por Amoedo Barral (2002a). A expressão ilustrativa que vai de encontro desta horizontalidade, é “Passei a lidar com a deficiência, conhecer, saber como se trata as pessoas com deficiência e apagar o preconceito (...) Lidar com naturalidade.”

Quanto à categoria *Idiossincrasias*, mais especificamente à subcategoria *Enriquecimento Pessoal*, percepcionado fortemente na mudança de vida dos bailarinos, engloba a percepção de crescimento global da pessoa, atribuído à participação no GDD. Mais do que arte simbólica ou de acção cultural, a Dança aqui é vista como geradora de maturação no indivíduo, contribuindo para uma melhoria global, a nível físico, social, mental e emocional (Maciel, Camargo & Júnior, 2009). Esta melhoria globalizada pode estar associada à percepção de mudança ao nível das *Competências Organizacionais*, indutoras de autonomia, essencial à inclusão. Esta inclusão pressupondo a adaptação da pessoa à sociedade (Sasaki, 1997). As referências a mudanças ao nível das *Competências Pessoais e Sociais* e a alusão a *Competências Académicas* vão no mesmo sentido, acrescentando aos benefícios já mencionados por Vieira (1997), que se referem ao surgimento da Dança no âmbito do relacionamento humano com o próprio, o outro e o meio envolvente. Estas *Competências Pessoais e Sociais*, descritas como “regras” ou “auto-estima” ou mesmo “normas de convivência de grupo”, comprovam a importância das habilidades sociais em prol da Inclusão referenciadas por Rosin-Pinola, Del Prette e Del Prette (2007).

Outros aspectos são também referidos dentro da categoria *Idiossincrasias*, ao nível da *Oportunidade Pessoal e Social*, na medida em que para alguns bailarinos a participação no GDD foi considerada como ponto de partida para alteração estrutural, como é exemplo a frase “Se não fosse o GDD eu não era o que sou!”. Surgem ainda referências ao nível da *Disponibilidade Condicionada* relacionadas com a compatibilidade dos horários da Dança com as restantes actividades assumidas pelos bailarinos ou mesmo com questões de planificação futura, como é o caso da “marcação de férias”, revelando, desta forma, compromisso com o grupo.

Os dados obtidos neste estudo parecem indicar que o GDD trabalha a globalidade do indivíduo, nos seus vários aspectos ou facetas. Mais especificamente, a participação no GDD parece provocar alterações estruturais nos seus elementos, em factores relativos à Dança (compreendendo conhecimentos, competências e oportunidades de realização profissional ou artística), em aspectos relacionados com a Inclusão (que dizem respeito a concepções e a competências organizacionais, pessoais e sociais) e em variáveis Idiossincráticas (de enriquecimento pessoal, oportunidade de desenvolvimento pessoal e social). As mudanças percepcionadas parecem ir de encontro à pretensão do GDD pretender que a imagem social da pessoa com necessidades especiais se vá alterando positivamente aos olhos da sociedade, pelo reconhecimento da capacidade de assumir o papel / profissão de bailarino, numa companhia de Dança.

Sente-se que este estudo pede continuidade e aprofundamento ao nível impacto do GDD. Por exemplo, este estudo analisou as percepções dos elementos do GDD, sem diferenciar os dados dos integrantes com e

sem necessidades especiais. Nesse sentido, seria interessante verificar a existência ou não de diferenças, bem como alargar a recolha de dados a outros significativos da esfera pessoal e profissional dos bailarinos.

Por fim, e visto que a utilização do termo Dança Inclusiva tem sido discutido, em encontros e reuniões da área [como é exemplo o ENCLUDANÇA, 1.º Encontro Inclusivo de Dança, promovido pela AAAIDD, na RAM, em Julho de 2010 (<http://dancando-diferenca.blogspot.com/2010/06/encludanca-programa-de-workshops.html>)], seria importante estudar as vantagens e desvantagens da utilização do conceito, em grupos desta natureza. A título de exemplo pode questionar-se, por um lado, até que ponto a utilização do termo Dança Inclusiva cria mercados, no sentido de construir oportunidades de se apresentarem espectáculos, em eventos associados à Deficiência ou, por outro lado, a utilização do termo exclui grupos com estas características, do universo da Dança no sentido mais lato.

Apesar de não parecer ainda possível reduzir a denominação de Dança Inclusiva para somente Dança, uma vez que o diferencial ainda se afigura necessário e realçado, talvez não tanto pelas atitudes de surpresa, mas pela valorização de uma linha de trabalho com sucesso, importa que o percurso em prol da Inclusão seja construído no dia-a-dia, pelo que este grupo, com o seu formato e as suas práticas, parece estar a contribuir para ultrapassar barreiras e desencadear mudanças.

Bibliografia

- Amoedo Barral, J. H. (1996). *Consciência corporal, dança, deficiência e sexualidade: Atitude interdisciplinar para a inserção social da pessoa com Lesão Medular Traumática*. Dissertação de especialização não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal - Rio Grande do Norte.
- Amoedo Barral, J. H. (2002a). *Dança Inclusiva em contexto artístico: Análise de duas companhias*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa.
- Amoedo Barral, J. H. (2002b). Dança Inclusiva em contexto artístico ou dança “por enquanto” inclusiva. In A. Andries (Ed.), *Cadernos de Textos Educação, Arte, Inclusão 1 Arte sem barreiras* (Vol. 1, pp. 51-84). Rio de Janeiro: Univer Cidade Editora.
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barnabé, R. (2001). *Dança e deficiência: Proposta de ensino*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- Bertoldi, A. L. S. (2004). *A influência do uso de dicas de aprendizagem na percepção corporal de crianças portadoras de deficiência motora*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

- Borges, C. D. & Santos, M. A. (2005). Aplicações da técnica do grupo focal: Fundamentos metodológicos, potencialidades e limites. *Revista da SPAGEST* 6(1), 74-80. Retirado de http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702005000100010&lng=en&nrm
- Creswell, J. W. (2007). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Ferreira, E. L. (1998). *Dança em cadeira de rodas: Os sentidos da dança como linguagem não-verbal*. Monografia de Licenciatura não publicada, Universidade Estadual de Campinas, Florianópolis.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.
- Fontana, A., & Frey, J. H. (2005). The interview: From neutral stance to political involvement. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research* (3rd ed., pp. 695-727). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Garcia, L. (2009). *A dança oriental como forma de inclusão social: Um estudo de caso do Projecto "Sentindo e Dançando"*. Dissertação de mestrado não publicada, Instituto Universitário de Lisboa ISCTE, Lisboa. Retirado de <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/2012>
- Kambarelis, G., & Dimitriadis, G. (2005). Focus groups: Strategic articulations of pedagogy, politics, and inquiry. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research* (3rd ed., pp. 887-907). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Maciel, L. F., Camargo, A. C., & Junior, G. B. V. (2009). Reflexões sobre a dança em cadeira de rodas, seus benefícios e contribuições na vida de deficientes físicos. *Revista do Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida*, 1(2). Retirado de http://www.guanis.org/cpaqv/v1n2_lilian_maciel.pdf
- Organização das Nações Unidas. (1995). *Normas sobre igualdade de oportunidades para pessoas com deficiência*. Lisboa: Secretariado Nacional para a reabilitação e integração das pessoas com deficiência.
- Patton, M. Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods*. (2nd ed.) London: Sage Publications.
- Pereira, C. B. (2007a, Julho). A Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação ao serviço da igualdade de oportunidades. Comunicação apresentada no *Ciclo de conferências: O direito à diversidade na igualdade de oportunidades*, Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação, Câmara de Lobos.
- Pereira, C. B. (2007b, Outubro). A Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação ao serviço da igualdade de oportunidades. Comunicação apresentada no *Ciclo de conferências: O direito à diversidade na igualdade de oportunidades*, Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação, São Vicente.
- Rosin-Pinola, A. R., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2007). Habilidades sociais e problemas de comportamento de alunos com deficiência mental, alto e baixo desempenho académico. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 13(2), 239-256.

- Santos, E. C. (2008). *Análise das racionalidades presentes em atividades formais de dança para pessoas com (d)eficiência: Um estudo de casos múltiplos em Salvador-BA*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Santos, E. C., & Coutinho, D. M. B. (2008, Agosto). Pessoas com deficiência e dança: Uma revisão de literatura. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 3(1), 110-116.
- Sasaki, R. (1995). Reabilitação baseada na comunidade. São Paulo, SP: Manuscrito do Autor (Não Publicado).
- Sasaki, R. (1997). *Inclusão da pessoa portadora de deficiência no mercado de trabalho*. São Paulo: Manuscrito do Autor (Não Publicado).
- Silva, V. A. (2010). *Discurso do processo de inclusão na dança inclusiva: Estudo de caso "Dançando com a Diferença"*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa.
- Simonassi, D. (2000). *A questão da dança para a pessoa portadora de deficiência física*. Monografia de Graduação não Publicada, Universidade do Grande ABC, Santo André, SP.
- Teixeira, A. C. B. (2010, Janeiro/Junho). Deficiência em cena: O corpo deficiente entre criações e subversões. *O Mosaico - Revista de Pesquisa em Artes*, 3, 1-9. Disponível em http://www.sumarios.funpecrp.com.br/download/pdf/49569_5269.PDF
- Teixeira, B. M. (2009). *A dançoterapia em contexto educativo*. Dissertação de Licenciatura não publicada, Escola Superior de Educação Jean Piaget, Vila Nova de Gaia.
- Vieira, A. I. (1997). *Deste corpo que dança: O significado da dança para o indivíduo portador de lesão medular*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Zuchetto, A. T. (s.d). *A contribuição da dança nas aquisições de movimento e expressão dos deficientes visuais*. Universidade de Santa Catarina, Brasil. In Motricidade Online. [sítio on line]. Retirado a 09 de Junho, 2011, de http://www.motricidade.com/index.php?option=com_content&view=article&id=186:a-contribuicao-da-danca-nas-aquisicoes-de-movimento-e-expressao-dos-deficientes-visuais&catid=51:necessidades-especiais&Itemid=90